

# Vinhetas de abertura de programas de TV: análise semiótica a partir das teorias de Greimas

**Camila Soares**

Universidade Ibirapuera  
Av. Interlagos, 1329 - São Paulo - SP  
camila.soares@ibirapuera.edu.br

---

## Resumo

Este trabalho pretende tomar como objeto de análise o gênero vinheta e, tendo como arcabouço teórico a Teoria Semiótica de linha francesa, poder investigar as estratégias usadas na composição do corpus escolhido - a vinheta do Jornal Nacional, da Rede Globo de televisão - para assim relacioná-la aos mecanismos de discurso utilizados, os quais permitem que o destinatário saiba que o programa vai começar e que nele deposite a sua confiança.

**Palavras-chaves:** Teoria Semiótica, Gênero, Vinheta, Mecanismos de Discurso.

## Abstract

This paper aims to take as analysis object the genre vignette and, having as fundamental principle of the theoretician the Theory Semiotics of French line, to be able to investigate the used strategies in the composition of the chosen corpus - the vignette of the National Journal, of the Rede Globo of television - thus to relate it the used mechanisms of speech, which allow that the addressee knows that the program goes to start and that in it deposits its confidence.

**Keywords:** Theory Semiotics, Genre, Vignette, Mechanisms of Speech.

## 1. Introdução

Todorov (1) afirma que um gênero é sempre a transformação de outros gêneros por inversão, deslocamento ou combinação. Bakhtin (2) também estudou o conceito nessa perspectiva, influenciando assim os pesquisadores que se basearam nesse princípio para criar e enquadrar os gêneros jornalísticos, que estão atrelados à comunicação verbal e textual.

Para Mikhail Bakhtin (2), gênero é uma força dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar idéias, meios e recursos estratificados numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras.

“O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. Nisto consiste a sua vida”.

O escritor russo nos ensina, então que o gênero orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio e que estão em contínua transformação no mesmo instante em que busca garantir uma certa estabilização.

Um desses gêneros que nasceram por sua necessidade de comunicação é a televisão. Ela abrange um conjunto bastante amplo de elementos audiovisuais que têm em comum o uso de imagem e de som constituídos eletronicamente e transmitidos de um local (emissor) a outro (receptor). Para Mikhail Bakhtin (2), essas esferas de acontecimentos podem ser chamadas de gêneros.

Sobre esse gênero, Pignatari (3) afirma que, no Brasil, a televisão é o mais poderoso meio de vida indireta de nosso tempo. Num país como o nosso, onde metade da população é constituída de analfabetos e semi-analfabetos, há uma força avassaladora do veículo, a que o escritor define como “o livro da massa”. Dentro desse livro chamado TV, há muitos capítulos.

Nesse trabalho pretende-se analisar o gênero vinheta de abertura de telejornais e investigar quais estratégias foram usadas pelo enunciador para que tais imagens e sons construíssem sentido e se relacionassem com um programa que ainda não começou; qual é a mensagem subliminar a ser transmitida através de tal escolha de sons e imagens e como elas se relacionam com o universo dos telespectadores.

## 2. Características do Gênero Vinheta

O gênero vinheta é caracterizado por trechos musicais tocados antes do início de um programa de rádio ou televisão, e passa a ser uma etiqueta, uma marca. Essas etiquetas, colocadas nos programas, acabam por indicar os seus conteúdos, e, portanto, comunicam (4). Por serem veiculadas com grande frequência, elas são facilmente reconhecidas pelas pessoas por suas imagens e sons apresentados. O público então identifica a marca e consome suas informações.

A identificação de uma vinheta pelo telespectador assemelha-se ao processo de identificar o autor de um texto literário. A observação do tipo de texto e do modo de expressão pode conduzir à identificação do contexto e do autor (5). Portanto, na TV, também é possível até reconhecer a emissora e o programa através desse conjunto de elementos que dão identidade a eles: as vinhetas, por exemplo.

Previamente apresentado, o corpus escolhido para análise constitui-se da vinheta de abertura do telejornal Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão.

Produzida especialmente para esse programa jornalístico, a vinheta traz características próprias. Para compreender a constituição desse espaço discursivo, serão utilizadas duas perspectivas que formam a vinheta: som e imagem.

## 3. Som e Imagem

As formas audiovisuais e suas articulações no espaço e no tempo mostram a sintaxe da linguagem televisual. O conceito de sonoplastia em TV envolve música, objetivando o envolvimento do ouvinte. Ele leva à indução do ouvinte com diferentes propósitos, principalmente a sinestesia, ou seja,

que se formem imagens mentais capazes de influenciar a audiência, seja pela sua manutenção ou atenção.

A era da imagem fez despertar a importância do discurso sincrético como meio eficiente de persuadir, por associar rapidamente o temático ao figurativo. Na TV, a imagem ganha destaque a cada dia no imaginário coletivo dos indivíduos, explorando todas as potencialidades, por conseguir unir os mais diferentes discursos em um mesmo texto (6). Assim, a linguagem corporal, a sonora e a visual são capazes de produzir uma sintaxe que pode levar os indivíduos a darem respostas agindo com a emoção e não com a razão apenas.

#### 4. Análise Semiótica da Vinheta do Jornal Nacional

Por examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto, será utilizada a Teoria Semiótica de linha francesa para essa análise. O texto será examinado em seu plano de conteúdo.

A vinheta que apresenta o Jornal Nacional tem duração de 22 segundos e usa a computação gráfica como um programa de uso para a obtenção do programa de base que é a identificação do programa pelo público.

O percurso narrativo é composto de uma escalada da câmera, que primeiramente se fixa nos apresentadores e mostra como pano de fundo um azul intenso que invade a tela. Depois, ao se afastar, faz surgir aos poucos o objeto-valor: logotipo JN. Concomitantemente, a música, com suas notas fortes, apresenta o logotipo.

O azul intenso então, dá lugar a formas mais definidas com bordas em vermelho, conforme ilustra a sequência descrita na Figura 1. O logo, totalmente formado, brilha em um fundo azul bem escuro e novamente vai se dissolvendo em uma fusão com um “take” do estúdio.

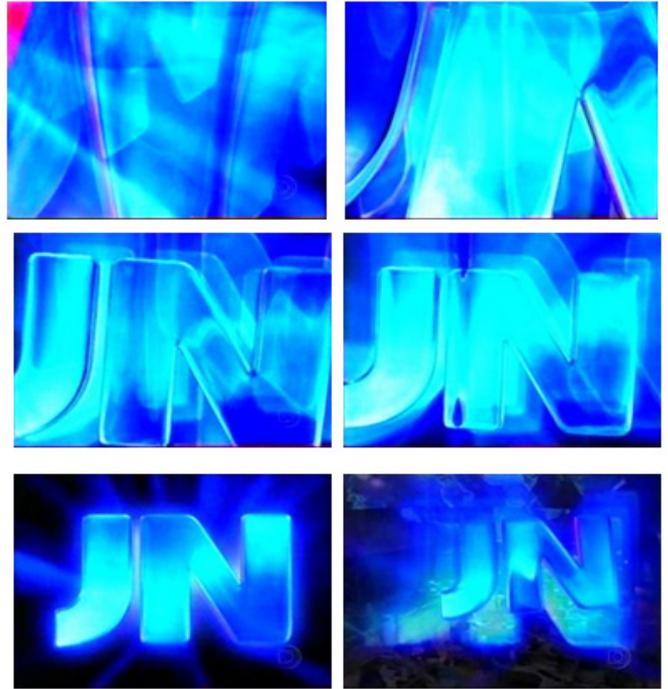
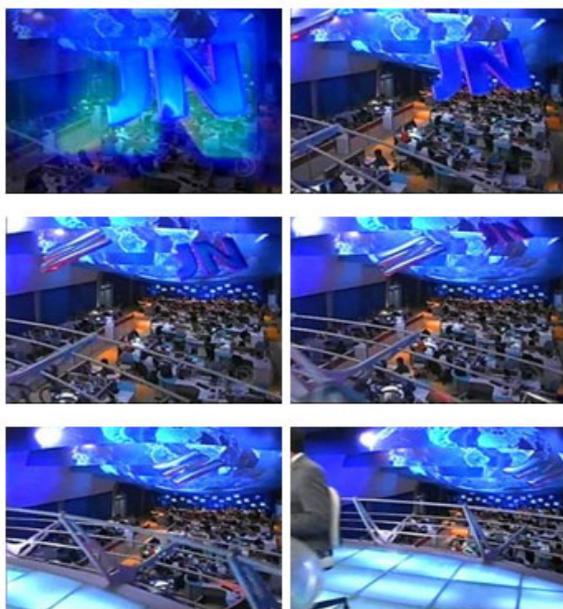


Figura 1 - Sequência do percurso da vinheta do Jornal Nacional.

Em um movimento circular, o logotipo desaparece no teto do estúdio, onde há uma réplica de um globo terrestre, remetendo-nos à idéia de que o jornal é nacional - relativo à nação, ou que é próprio de uma nação, mas que aborda fatos de todo o globo terrestre. Observa-se aí, um percurso que vai do particular ao geral, de dentro para fora, da sua casa para o mundo.

A sala de redação é vista do alto. Computadores nas mesas e pessoas trabalhando para que você tenha o melhor, pessoas que trabalham “para você, telespectador”. Surge, no canto esquerdo, a mesa de tampo com formas futuristas, feito em acrílico, material que manifesta um ar de transparência, de limpeza; e as bordas arredondadas, que dão um ar de polimento, algo sem aspereza, como apresenta a Figura 2.



**Figura 2** - Finalização da vinheta e início da entrada no estúdio.

Focaliza-se primeiramente o apresentador, demonstrando um trato gentil, e, a seguir, o segundo apresentador. A câmera pousa suavemente, ao enquadrar a mesa arredondada, como se flutuasse sobre o piso simétrico, e, finalmente aparecem juntos os dois apresentadores ladeados por dois logos do JN e o globo terrestre; este, agora, bem definido e posicionado no fundo e ao centro. Inicia-se o programa, como mostra a Figura 3.



**Figura 3** - Já no estúdio, takes antes do início do programa.

A vinheta se assenta nas oposições semânticas do universal vs. particular, do todo vs. parte, da irrelevância vs. relevância. Partindo de tais oposições semânticas, a relevância, o universal, o todo são eufóricos e a parte, o particular, a irrelevância são disfóricos, pois limitam. A vinheta apresenta o sujeito Jornal Nacional em disjunção com o limitado e conjunção com o ilimitado, com o mundo, com a notícia completa, toda, inteira,

não-segmentada, reiterada através das imagens que retratam sua construção: a partir de uma melodia de notas fortes, a visão do globo terrestre, o uso de equipamentos que utilizam tecnologia de ponta, a imagem da equipe que trabalha durante todo o tempo. A vinheta cria uma sensação de simbiose (associação) do mundo com a equipe de redação e da redação com você, revalidando o global, o todo, a relevância e a eficiência.

Passa a ser uma fonte de valores, operando, assim, uma transformação no telespectador com o propósito de inculcar nele a importância, a eficiência da emissora e despertar o interesse pelo programa.

O uso constante também é um fator que faz a vinheta permanecer na memória do ouvinte graças às figuras que se fundem às técnicas de produção para a representação sonora de sensações, levantando temas como expectativa, apreensão, curiosidade, confiabilidade e certeza de informação sustentada (7).

O enunciador, dotado de um fazer persuasivo, tece o discurso informativo e adquire valores de base: querer, dever, saber e poder, capazes de convencer seu enunciatário e predispor-lo ao fazer-criar, levá-lo a acreditar na veracidade dos fatos e na confiabilidade do programa..

As cores e os sons executados na vinheta acentuam os traços sonoros e visuais. A cultura brasileira considera a cor azul como portadora de valor positivo. Diz-se, freqüentemente, que “está tudo azul” como equivalente de “está tudo bem”. Reconhece-se, portanto, a ascensão de uma positividade. Já a cor vermelha, de acordo com a cultura do Ocidente, é estimulante, ativa e além de pedir a atenção das pessoas, denota conquista, liderança e senso de auto-estima: valores oferecidos aos enunciatários, que levantam temas como confiabilidade, tranquilidade, credibilidade, criticidade. Já os traços sonoros por serem tons fortes denotam atenção, estado de alerta e que conferem ao programa o atributo de merecer a sua atenção e o seu respeito.

Pode-se dizer que o sujeito é competente e realizado, pois o destinador manipulador, através da manipulação por tentação, apresenta valores positivos (notícias confiáveis) e oferece ao destinador julgador um contrato de aceitação (8). O enunciatário acaba por sancionar positivamente e dar audiência. Essa estrutura contratual, que envolve o fazer-criar, pode estar firmado também na dimensão passional (fazer-sentir), nas relações afe-

tivas trabalhadas na vinheta, pois o enunciário associa o som e a imagem à estrutura contratual positiva. Pode-se também pensar a tentação por outro ângulo: o da manipulação da emissora. Por se tratar de um gênero sincrético, em que o não-verbal (imagens, cores, sons), ao provocar certas emoções sensoriais e trabalhar afetividades, o lado passional pode restringir a liberdade de escolha do enunciário, e o faz aceitar o contrato proposto, pois como já foi sancionado positivamente, ele não questiona e o aceita, haja vista que, segundo Greimas (9), se um sujeito adquirir valor, é porque outro foi dele privado ou se privou.

A desembreagem é enunciativa, pois se concentra no tempo agora e no espaço aqui, dando um efeito de realidade e tais efeitos estão ancorados à vinheta, às notícias, aos apresentadores e aos demais jornalistas da redação.

O objeto em que está investido o valor poder ser confiável, poder fazer o melhor telejornal, de poder fazer chegar à sua casa notícias precisas, sem recortes, verdadeiras torna-se um discurso temático sobre a imparcialidade, sobre aquilo que é relevante. Vários investimentos figurativos são usados para a mesma busca narrativa do universal. O voo da câmera, o mundo visto do espaço, a plataforma, a mesa futurista; a tecnologia, a eficiência de uma equipe de redação atenta aos acontecimentos e trabalhando por e para você. O traço espacial no “alto”- os apresentadores no andar superior, transmitindo aquilo que está acima, superior, o melhor. Toda essa figuração leva o enunciário a penetrar no mundo da informação, leva-o a fazer-saber algo, o que fundamenta todo o percurso de sua percepção.

Desse modo, a reiteração dos temas e a recorrência das figuras no discurso asseguram à vinheta do JN uma coerência semântica com o tipo de jornal apresentado. As imagens funcionando como valores modais da “credibilidade”, demonstrando um saber-fazer e um poder-fazer - capacidade de recriar o mundo. O JN qualifica-se, assim, como um potencializador do fazer-criar do enunciário, que passa então a associar a vinheta àquilo que é positivo.

## 5. Considerações Finais

Com seus recursos visuais e sonoros, além de comunicar, a vinheta possui conteúdo ideológico subjacente, servindo como manipulador da transformação da competência do enun-

ciário (telespectador).

Cada elemento da forma da expressão (som, imagem), conversível em forma de conteúdo, tem seu papel na produção de efeitos de sentido. Assim, a vinheta deve ser vista como um gênero que comunica e um sujeito semiótico, pois instala sua subjetividade, sua maneira própria de existir, reconhecível pela imagem e pelo som. Expõe um estilo, que é manifestado em seu ritual.

Em cada vinheta estão acoplados valores específicos para tecer um discurso específico. Através da vinheta, apresentam-se a segurança, a curiosidade, a atenção: sentimentos eufóricos - provocando sensações que seduzem. Assim, o Jornal Nacional consegue, através de sua constância, manter sua audiência e manipular seu público.

Fica explícito que a mídia constrói opinião, e mesmo por meio das vinhetas, ela veicula, mesmo que implicitamente, sua visão sobre eventos e principalmente sobre pessoas. Assim, esse gênero, em seu aspecto formal, mostra-se como um grande estimulador de discussões.

## 6. Referências Bibliográficas

1. Todorov, T. Os Gêneros do Discurso. São Paulo: Martins Fontes; 1980.
2. Bakhtin, M. Problemas da Poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense; 1981.
3. Pignatari, D. Signagem da Televisão. Rio de Janeiro: Brasiliense; 1984.
4. Bazerman, C. Gêneros Textuais, Tipificação e Interação. São Paulo, Cortez; 2005.
5. Dionisio, A, P. Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna; 2005.
6. Machado, A. A Televisão Levada a Sério. São Paulo: Senac; 2005.
7. Fiorin, J. L. As Astúcias da Enunciação. São Paulo, Ática; 2001.
8. Barros, D. L. P. Teoria Semiótica do Texto. São Paulo: Ática; 2001.
9. Greimas, A J. Dicionário de Semiótica. São Paulo: Cultrix; 1979.